



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

Marcas de encantados: arqueologia etnográfica sobre as paisagens do Lago Amanã, Amazonas.

Autoria: Jaqueline Gomes Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Uma abordagem pulsante na arqueologia amazônica tem entre seus objetivos produzir narrativas sobre a milenar história de ocupação indígena da região e demonstrar a amplitude das transformações antrópicas sobre a biodiversidade. A recorrência de ocupações contemporâneas nos sítios arqueológicos tem sido parte da agenda de pesquisas, enquanto a ecologia histórica tenta elucidar como se dão empiricamente relações entre humanos e natureza, a arqueologia busca compreender os contextos históricos e sociais nos quais as transformações sobre aquele bioma parecem se intensificar. Na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Unidade de Conservação localizada próximo à confluência dos rios Japurá e Solimões, no Estado do Amazonas, venho desenvolvendo um estudo sobre como as paisagens são construídas e transformadas por comunidades ribeirinhas, elegendo como vetores os lugares significativos para além dos sítios arqueológicos. As existências de encantados e outros seres não-humanos são tão factíveis que estratégias são tomadas para evitar o encantamento das pessoas. Nesse contexto é possível reconhecer nas paisagens marcas desses seres, como por exemplo, vestígios da mobilidade da cobra-grande impressos no surgimento de banco de areias, caídas de terra, mudanças nos cursos hídricos e mesmo na formação de ilhas vegetais. Como arqueóloga com engajamento etnográfico preocupo-me com as relações mais amplas das pessoas e a



materialidade, e quero apresentar neste work informações sobre aspectos da vida cotidiana e afetiva em Amanã, buscando articulá-las às formas de territorialidade. Elas englobam relações com o ambiente ecológico, conferindo às paisagens significados multidimensionais. Lugares têm donos e histórias nas quais está descentralizada a exclusividade das marcas humanas para falar sobre o passado e transformações vividas. Enquanto a Arqueologia ao associar o processo de transformação de paisagens aos modos de vida de populações tradicionais, traz profundidade histórica a tais aspectos, ela ainda ignora uma extensa rede de relações entre dimensões que ultrapassam o binômio natureza e cultura. Iniciativas de pesquisas vêm experimentando com sucesso formas de ampliar a materialidade foco das análises arqueológicas na região - seja através dos estudos de formação de solos antrópicos, do manejo agroflorestal, domesticação de plantas e construção de florestas antrópicas - contudo, vejo que há possibilidades de uma análise alternativa. O exercício é considerar não somente critérios ecológicos para dar sentido à formação de lugares de gente humana, mas contemplar uma dimensão ontológica das relações estabelecidas entre as pessoas e suas paisagens que são povoadas por muitos mais seres que o registro arqueológico tradicional permite visualizar.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: